

# Resenhas

## **foucault,** **fulgurações da diferença** | salete oliveira\*

Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto (orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte, Autêntica, 2006, 296 pp.

Michel Foucault costumava dizer que o saber não é feito para compreender, é feito para cortar. Outra maneira sua de afirmar o duplo indissociável entre poder e saber. Fulguração de vida. Vida fulgurada, também, por Nietzsche, que se interessava por produzir o conhecimento daquilo que o corpo experimenta. Experimentações em fulguração estética que se fazem vida na vida. Nos espaços em que ela sobra, excede e escapa. Não se deixa agarrar, tal os versos em prosa heraclítica de seu poeta predileto, René Char. Tal a escrita explosiva em suas centelhas.

Uma fulguração ocorrida em estrelas no espaço sideral é designada por astrônomos como uma liberação de energia, de forma explosiva, da qual resulta um aumento rápido do brilho do astro no qual ocorre, promovendo-lhe alterações, diferenças. No planeta Terra ela é designa-

\* Doutora em Ciências Sociais e pesquisadora no Nu-Sol, professora no Departamento de Política da PUC/SP.

da por um raio que incide em sua superfície provocando-lhe sulcos, vestígios. Rastros em astros, diferentes.

Diferentes fulgurações, também, encontradas em *Figuras de Foucault*. Livro organizado por Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto como efeito das exposições realizadas no “Colóquio Internacional *Michel Foucault, 20 anos depois*”, ocorrido em 2004 na UNICAMP.

Os vinte quatro artigos dispostos no livro em ordem alfabética pelos primeiros nomes dos autores — Alfredo (Veiga-Neto), Ana (Maria de Oliveira Burmester), André (Duarte), Antonio (Cavalcanti Maia), Carmen (Lúcia Soares), Denise (Bernuzzi de Sant’Anna), Durval (Muniz de Albuquerque Júnior), Edson (Passetti), Flávia (Biroli), Frédéric (Gros), Kleber (Prado Filho), Luiz (B. L. Orlandi), Márcio (Alves da Fonseca), Margareth (Rago), Nathalie (Piégay), Oswaldo (Giacóia Junior), Pedro (de Souza), Richard (Groulx), Richard (Miskolci), Salma (Muchail), Sílvio (Gallo), Tânia (Navarro Swain), Tony (Hara) e Vera (Portocarrero)— oferecem-se ao leitor em travessias múltiplas que o incitam, também, à travessura de subverter o abecedário para tocar em suas próprias urgências de A a Z e de Z a A. AZs-ZAs. Da zona à anarquia; da loucura ao sexo; do eu ao si; da estética à vida.

Fulguram, explodem diferenças. Está-se diante de uma profusão de análises acompanhadas por inúmeros Foucault. Inútil aventar a homogeneidade ou a edificação de conceitos. Trata-se do espaço do precário, provisório, arredoio.

É possível estar diante de fulgurações de Foucault-arquivo, quando “o uso do arquivo não permite amarrar o homem e a obra” (p. 184), como destaca Nathalie Piégay. Das pedagogias do corpo, passando pelo filósofo mascarado, o leitor depara-se com o sorriso no rosto de Foucault, em uma conversa ridente, ao melhor gosto do gato de

Alice trazido por Luiz Orlandi, o sorriso estancado por Durval Albuquerque em uma incursão colorida, na qual a genealogia imiscui-se na zona cinza do mostrar-se à vida em combate, até mesmo no momento da morte.

Hoje quando alguém morre é comum fazer seu necrológio. Os gregos antigos não lançavam mão de tal prática. Ao invés de discorrer sobre o morto, faziam uma única pergunta: *viveu com paixão?* Embate profícuo revolvido por Frédéric Gros acerca da diferença entre a retórica do conhecimento de si socrático-cristão e o exercício estético do cuidado de si. “*Quem sou eu* é uma questão que se articula através da relação instaurada entre o diretor de consciência e o seu eu dirigido, nos primeiros monastérios cristãos. Isto quer dizer que esta interrogação se inscreve num dispositivo preciso de obediência incondicional e indefinida ao Outro, enquanto que a questão grega *O que você está fazendo de sua vida* se inscreve num projeto pontual de liberação” (p. 136).

A estética de existir explode no espaço em uma profusão liberadora de fulgurações de estéticas da existência, em “Heterotopia, anarquismo e pirataria”, com Edson Passetti. Insurreição de um sabor único que faz poder saber do indomesticável nos anarquismos e compõe com Foucault em dança com Max Stirner um arco teso de arremessos certos. Leveza de criança, outra *antena propícia*, distante do corsário e próximo ao pirata. “A criança é o retorno do adulto que rangeu, tornou-se pirata de si, desdobrado, artístico. É a eclosão da surpresa oceânica como tormenta ou calmaria, aprendizado de exercícios em espaços heterotópicos, onde se dissolvem os absolutos de autoridade e liberdade junto com o governo político” (p. 117).

Navegações díspares em ressonância heterotópica nos descaminhos da nau foucaultiana, em Tony Hara, que das crises e abalos extrai de Foucault superfícies da atualidade covarde e entristecida, na qual há uma direta cor-

respondência entre o depauperamento da imaginação e da vida policiada. O combate não cessa; vem habitar na experimentação do desassombro da criança. “Não se trata evidentemente do retorno aos antigos valores transcendentais ancorados na forma de um Deus, mas sim rachar a Terra, as palavras, as nossas convicções e perder-se e encontrar-se no labirinto infinito da própria vida, tal como o intrépido argonauta nietzschiano” (p. 278).

Embates e debates outros no campo da educação, abordados por Alfredo Veiga-Neto, acerca da dominação e violência na escola, e re-pensados por Silvio Gallo ao propor uma nova filosofia da educação. Ao leitor podem ressoar na memória, também, passagens imperdíveis de Foucault-professor, não só aquele que, como muitos contam, dava aulas admiráveis, como o acrobata sublinhado por Didier Eribon, que tantas vezes, em seus cursos no Collège de France, esperava por uma questão que nunca vinha. Ou ainda, um outro que ao ser encarregado de ministrar uma disciplina intitulada Psicologia Geral, adentrava na sala e já na primeira sessão, alertava: como tudo que é geral não existe vou dar o curso sobre o que está me inquietando no momento presente. Ou ainda mais um, aquele que reservava a alguns alunos onicontentes, que freqüentam a universidade, o título de beduínos. É bem verdade que, naquela época, os estudantes torciam, faziam de tudo para não se encontrarem em tal condição, e, assim, escapar da questão final proposta pelo professor: disserte sobre a família neurótica, ou seja, a família.

Da família como modelo central da arte de governar, tema tratado por Márcio Fonseca; atravessando uma análise arguta de Oswaldo Giacóia acerca da biopolítica, biopoder, e os investimentos do governo sobre a vida o leitor mais uma vez se estende e distende percursos, outras palavras, para se deparar na companhia de Margareth Rago com as duas grandes interdições da po-

lítica moderna apontadas por Foucault: o sexo e a política. Sensibilidade sutil que vem amalgamar gestos anarquistas, femininos em práticas de experimentações de si, na coragem ímpar da anarquista Emma Goldman, na ousadia inventiva da associação *Mujeres Libres*, durante a Guerra civil espanhola, de mulheres que não caíram nas armadilhas liberais de generalização do feminismo.

As pesquisas, os problemas, as pistas, as fulgurações deixadas por Foucault possibilitam a instauração deste bom encontro tecido pelos autores no livro *Figuras de Foucault*. Do negro imprime-se a caligrafia amarela e da figura na penumbra em cinza é possível subverter-se as palavras e as coisas de A a Z e de Z a A, e neste espaço delicado e vigoroso não esquecer que as genealogias são mais precisamente insurreições.

## experiências e liberações | bruno andreotti\*

Gilles Deleuze. *A Ilha Deserta*. São Paulo, Iluminuras, 2006, 383 pp.

Filósofo. Pós-estruturalista. Filósofo da diferença. Pensador do devir, do acontecimento. Esses e muitos outros epítetos podem ser atribuídos a Gilles Deleuze. Nenhum enunciado, porém, pode dar conta desse nome, se por nome entendermos algo que denomina um aconteci-

\* Pesquisador no Nu-Sol, bacharel e licenciado em História pela PUC-SP, mestrando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.